

*José Honório Rodrigues:  
uma historiografia para o tempo presente*

**Luiz Antonio Albertti**

Doutorando em História pela Universidade Estadual de Campinas. Leciona no Colégio Anglo-Penápolis, na Fundação Educação de Penápolis (FUNPE) e na Faculdade de Birigui (FABI).

**Resumo:** Neste artigo temos como objetivo apresentar a obra de José Honório Rodrigues (JHR) e suas contribuições na definição das bases referenciais para a pesquisa histórica, na proposta de formação do ofício de historiador, sua ênfase no tempo presente e as interpretações de sua obra nos dias atuais. Nos últimos anos, o número de leitores da obra honoriana aumentou vertiginosamente. Nestas linhas, destacaremos determinadas características da produção de JHR e como ela foi analisada por alguns de seus intérpretes.

**Palavras-chave:** Historiografia brasileira; presentismo; Teoria da história.

### **José Honório Rodrigues: a historiography to the present time**

**Abstract:** In this article we aim to present the work of José Honório Rodrigues (JHR) and his contributions in the definition of reference bases for historical research, training proposal in the historian's craft, his emphasis on the present and the interpretations of his work in the current days. In recent years, the number of readers of honorian work skyrocketed. In these lines, we will highlight certain JHR production traits and their readers.

**Keywords:** Brazilian historiography; presenteeism; History Theory.

**E**speramos, com este artigo, contribuir nas discussões sobre José Honório Rodrigues. Estas páginas são os primeiros passos da pesquisa de doutorado que estamos desenvolvendo. Por isso, perceberá que este texto possui um caráter descritivo, uma apresentação sistemática da obra honoriana. Justifica-se. Acreditamos que esta breve apreciação da volumosa e variada obra de JHR poderá

colaborar, ainda que de modo bastante modesto, para a ampliação do questionário sobre o autor e a história da história do Brasil. Conforme o desenrolar da pesquisa, minuciaremos nossa análise dos itens que serão expostos nestas páginas.

Destacaremos neste trabalho determinados temas, problematizações e formas de abordagem de JHR e também as leituras, apropriações e representações de sua obra, em artigos, capítulos de livros, dissertações e teses, que evidenciam os lugares que esse autor ocupa nos debates historiográficos brasileiros, principalmente nos dias atuais, em que o interesse por JHR e sua produção tem crescido consideravelmente.

### **Sobre José Honório Rodrigues**

O historiador carioca JHR, nascido em 1913, graduou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1937, ano em que recebeu o Prêmio de Erudição da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Civilização holandesa no Brasil*, escrito em parceria com Joaquim Ribeiro. Foi autor de vasta obra, trabalhou em inúmeras instituições de ensino e pesquisa, em arquivos históricos e bibliotecas, tanto no Brasil quanto no estrangeiro. Ao voltar dos Estados Unidos (1943-1944), onde frequentou o curso de história na Universidade de Columbia,<sup>1</sup> começou a trabalhar no Instituto Nacional do Livro, na Seção de Publicações, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda; foi diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional (1944-1958); diretor do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (1958-1964);<sup>2</sup> editor da Revista Brasileira de Estudos Internacionais; secretário-executivo do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (1964-1968); além de lecionar no Instituto Rio Branco (1946-1956) e em universidades brasileiras e estrangeiras; foi estagiário na Escola Superior de Guerra

---

<sup>1</sup> Em Columbia, teve como orientador, indicado pela Fundação Rockefeller, o professor Frank Tannenbaum, que “(...) aconselhou-o a matricular-se numa cadeira de Introdução à História, ministrada por diversos professores. Quando terminou esse curso, no início de 1944, Tannenbaum lhe disse: ‘Você já provou sua vocação de historiador; não precisa mais de cursos; cabe-lhe agora pesquisar e publicar’” (BOECHAT, p. 19). A influência da historiografia americana, numa época em que predominavam os referenciais franceses, é destacada reiteradas vezes por JHR.

<sup>2</sup> Foi lançada em 2014 a revista *Acesso Livre: Revista da Associação dos Servidores do Arquivo Nacional*, com o primeiro número dedicado a JHR, “(...) que teve grande importância para a historiografia e para a arquivologia no Brasil” (p. 3), escreve Diego Barbosa da Silva na *Apresentação* da revista. Orlando de Barros, no artigo *A propósito de “Por que não escrevo história contemporânea”*, comenta o texto de JHR, escrito em 1973, e que é o segundo artigo da revista. O primeiro número da revista *Acesso Livre* dedicado a um dos antigos diretores do Arquivo Nacional é significativo para pensarmos nas contribuições de JHR para as políticas de arquivos no Brasil e para as leituras sobre sua obra.

(1955) e professor conferencista (1956-1964); *imortalizado* pela Academia Brasileira de Letras em 1969;<sup>3</sup> faleceu no Rio de Janeiro em 1987.

Sua obra,<sup>4</sup> dividida em conjuntos temático-analíticos distintos e complementares, é variada e abrangente, somando mais de trinta livros e centenas de artigos. Produziu compilações e catálogos de documentos, organizou e dirigiu arquivos de pesquisa e bibliotecas, além da construção de um rico arquivo pessoal.

É notável o esforço de JHR em apresentar e debater as principais abordagens, teorias, conceitos, métodos, fontes documentais e autores, clássicos e contemporâneos, reconhecidos ou pouco lidos, da historiografia nacional e internacional. Mas não era apenas um divulgador de ideias. Epistemólogo erudito, foi pioneiro na sistematização das discussões de teoria e metodologia da história no Brasil. Polemista combatente, estudioso das aspirações e do caráter nacional do nosso povo, tantas vezes *sangrado e ressangrado*, sob o domínio do Estado brasileiro, conciliador, conservador e autoritário. Via a história como uma ciência capaz de interpretar e transformar a realidade nacional.

## A obra e as leituras

Nos últimos anos, as discussões sobre o pensamento honoriano tem se multiplicado, entretanto, não fora feita até agora nenhuma reflexão sistemática e sintética sobre essa produção recente, que se faz necessária para compreender o sentido das leituras e apropriações<sup>5</sup> da obra e das ideias de JHR no contexto atual.

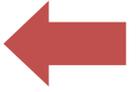
JHR dividia sua obra em conjuntos: arquivística, teórica e combatente. Raquel Glezer estabelece com rigor as características, séries de documentos e problemáticas de cada um desses conjuntos (GLEZER, 1976). Carlos Guilherme Motta (MOTTA, 2010, p. 331-332) e José Otávio de Arruda Mello (1994, p. 161) compartilham dessa divisão.

---

<sup>3</sup> Na *Revista de História*, da Universidade de São Paulo, encontramos o discurso de posse de José Honório na ABL (RODRIGUES, 1970), além de inúmeros outros artigos de José Honório, assim como a *Saudação de boas-vindas* de Barbosa Lima Sobrinho (1971). Esses textos lançam indícios sobre a configuração do campo intelectual brasileiro na década de 1960 e o contexto de autoritarismo militar que pesava no Brasil pós-AI-5. A ABL constitui-se como uma importante instância de distinção e consagração intelectual desde os primeiros tempos da República (cf. GOMES, 1999).

<sup>4</sup> Ao nos referirmos ao termo *obra*, temos como referência as discussões de Michel Foucault sobre o que constitui uma obra (Cf. Metodologia).

<sup>5</sup> Os conceitos de *apropriação*, *recepção*, *leituras*, estão baseados no livro *História Cultural: entre práticas e representações*, de Roger Chartier (1990). Esses conceitos nos auxiliam no questionamento das “(...) diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago da recepção (...), que chame a atenção para os usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas ideias (...), das práticas que se apropriam distintivamente dos materiais que circulam numa determinada cultura (CHARTIER, 1990, p. 232-233.).



Francisco Iglesias, conhecedor como poucos da obra e da pessoa de JHR, divide a obra em cinco grupos: a) teoria, metodologia e historiografia; b) história de temas; c) ensaios historiográficos; d) obras de referência; e) edições de textos (IGLESIAS, 1988, p. 60-61).

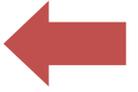
Ao voltar dos Estados Unidos, em 1944, JHR, como ele próprio afirma, “(...) queria escrever uma metodologia da história do Brasil, da qual não existia nenhum estudo” (RODRIGUES, 1991, p. 268). Esse desejo deu origem ao seu *projeto tríptico*, tratando de questões de teoria, metodologia e historiografia. Esse tríptico é composto pelos livros *Teoria da História do Brasil* (1949), *A pesquisa histórica no Brasil* (1952) e a inacabada *História da história do Brasil*, com o primeiro volume tratando da *Historiografia colonial* (1979); o segundo volume é dividido em dois tomos: *A Historiografia conservadora* (1987) e *A metafísica do latifúndio: o ultrarreacionário Oliveira Viana* (1988a).

*Teoria da história do Brasil*, publicado pela Editora Nacional, teve cinco edições (1949, 1957, 1969, 1974 e 1978). Nele, o autor aborda as problemáticas da história e as tarefas do historiador, o desenvolvimento da ideia de história, a relação entre filosofia e história, as periodizações dos tempos históricos; discute questões de epistemologia, métodos, gêneros e modelos narrativos; o compromisso de se produzir uma história revisionista, articulada às demandas do tempo presente.

É notório o aparatoso empreendimento de JHR em abordar as principais problemáticas teórico-metodológicas da história da história, tanto brasileira quanto estrangeira. As divisões em capítulos e subcapítulos, a vultosa quantidade de informações, nomes e conceitos, fazem do livro um texto de referência, mas deixa a leitura truncada e cansativa, pois não há uma articulação clara que permita ao leitor estabelecer relações de sentido entre o grande número de ideias apresentadas. A situação é semelhante na composição do próximo livro do *tríptico*.

Determinadas temáticas trabalhadas em *Teoria da história do Brasil* serão desenvolvidas mais longamente em *A pesquisa histórica no Brasil*, que teve três edições (1952, 1969 e 1978).

José Honório compreende como pesquisa histórica as regras específicas, os princípios críticos da disciplina, o diálogo com as ciências auxiliares, as técnicas do historiador, o uso correto dos documentos, o fato histórico e sua seleção e o julgamento histórico a partir de uma gama variada de autores e pesquisas.





Uma parte do livro é dedicada à discussão sobre os instrumentos do trabalho histórico e a outra sobre as fontes da história moderna e contemporânea, mas é a pesquisa histórica no Brasil que ocupa a maior parte desse texto. Afirma que a “(...) universidade, especialmente a federal, desconhece a pesquisa histórica” (RODRIGUES, 1978b, p. 22-23). Destaca também a falta de conhecimento dos métodos, das técnicas, das teorias, resultando na insuficiência metodológica dos pesquisadores de história.

O autor dedica centenas de páginas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, que foi, para ele, onde nasceu a pesquisa histórica no Brasil. A *evolução* da pesquisa histórica no IHGB é discutida por meio das compilações e técnicas de reprodução e análise de documentos, das bibliografias, das reflexões teórico-metodológicas, das visitas aos arquivos nacionais e estrangeiros realizadas por mais de cinquenta pesquisadores do IHGB e dos Institutos Estaduais.

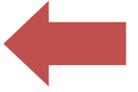
Ao afirmar que “No Brasil não há política de arquivos” (RODRIGUES, 1978b, p. 183), JHR destaca suas próprias experiências junto ao IHGB,<sup>6</sup> na direção do Arquivo Nacional, nas pesquisas realizadas em arquivos e bibliotecas mundo afora, mas principalmente nos EUA. Após apresentar as bibliotecas e políticas de arquivos de países de todos os continentes, critica as políticas nacionais, afirmando que “Enquanto os países avançados caminham para uma liberalização da política de acesso, no Brasil andávamos para trás. A política do sigilo, velha tradição portuguesa, (...) tem sido um entrave sério ao desenvolvimento da historiografia brasileira” (RODRIGUES, 1978b, p. 133).

Sugere ainda a criação do *Instituto Nacional de Pesquisa Histórica*. O Instituto teria como finalidade estimular e promover a pesquisa histórica no Brasil, preparar metodologicamente o historiador nas técnicas de reprodução, inventário e interpretação dos documentos e arquivos, pois

(...) só o contato contínuo com os problemas dos Arquivos e Bibliotecas pode mostrar a extrema necessidade da existência de uma categoria de servidores dotados de outros conhecimentos que os exigidos na seleção dos atuais arquivistas e bibliotecários (...) (RODRIGUES, 1978b, p. 242).

---

<sup>6</sup> Reiteradas vezes, JHR afirmou a importância do IHGB para sua formação histórica, como aqui: “Jovem estudante da Faculdade de Direito, mas atraído pelo estudo da História, comparecia sempre ao Instituto e sabia que às terças-feiras eles se reuniam, com um ou outro mais, e discutiam fatos e acontecimentos da história do Brasil (...)” (RODRIGUES, 1988, p. 2).



O próximo livro que compõe seu *projeto tríptico* é a inacabada *História da história do Brasil: historiografia colonial – 1ª Parte* (1979). José Honório analisa a historiografia conservadora sobre o período colonial, assim como as renovações interpretativas dos revisionistas. Há três grandes precursores no revisionismo da história da história do Brasil, são eles: Capistrano de Abreu, “que escreveu a primeira e mais aguda análise da evolução da historiografia brasileira, nos dois escritos de 1878 e 1882”; Alcides Bezerra, pela “apreciação crítica muito valiosa, em seu ‘Historiadores do século XIX’”, e Sérgio Buarque de Holanda, “que em 1951 estudou com extraordinária visão crítica o pensamento histórico durante os últimos cinquenta anos. São esses três estudos os verdadeiros pioneiros da história da história do Brasil.” (RODRIGUES, 1979, p. XVI).

Ao longo do livro, define e faz as distinções analíticas entre documentos históricos e historiográficos, a crônica e a história, as narrativas históricas e literárias, com suas confluências e desvios. Analisa a historiografia da conquista, das invasões, do bandeirantismo seiscentista, a regional,<sup>7</sup> a religiosa,<sup>8</sup> das rebeliões, militar, econômica e social e a crônica geral colonial.

Segundo o autor, as invasões holandesas, tema constante em suas pesquisas, ocupam a maior parte dos estudos sobre o período colonial, enquanto que o bandeirantismo, “um movimento de significação histórico-universal” (RODRIGUES, 1979, p. 114), ainda não recebeu a merecida atenção historiográfica, de modo que “é espantoso que a história mais ativa, mais original e efetiva, mais rica de futuro, mais nacional, seja aquela que menos historiografia tenha produzido” (RODRIGUES, 1979, p. 114-115).

No capítulo *Historiografia das rebeliões*, sustenta que “os alicerces da civilização mestiça foram construídos no Brasil sob sangue, e a maioria popular indígena e negra foi sangrada e ressangrada, direta ou indiretamente (...) A violência, o terror e o extermínio dominaram toda história colonial e está contada na historiografia da época” (RODRIGUES, 1979, p. 319). Nossa história *cruenta*, ainda pouco ensinada,

---

<sup>7</sup> José Honório, na parte referente à historiografia regional, estuda a historiografia de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba, Amazonas, Pará, Espírito Santo, Santa Catarina e Paraná.

<sup>8</sup> Ao estudar a historiografia religiosa dos jesuítas, franciscanos, agostinianos, beneditinos, carmelitas e da Igreja em geral, destaca a importância dos jesuítas para a compreensão da história da formação do Brasil, pois “ninguém teve, no Brasil colonial, tanta consciência histórica como os jesuítas” (RODRIGUES, 1979, p. 249).

tem sido ocultada pela historiografia *oficial e branca, conservadora e reacionária*, e pela ausência de uma historiografia escrita *por mãos negras* (RODRIGUES, 1979, p. 325-326).

O volume II de *História da história do Brasil, A historiografia conservadora*, publicação póstuma, investiga as bases do pensamento conservador, formado pelos historiadores monarquistas, pela linha reacionária e contrarrevolucionária, e pela historiografia da extrema direita.

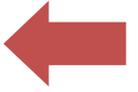
A historiografia conservadora representa a “defesa intransigente das classes dominantes e a exaltação dos grandes estadistas. (...) É a história dos senhores do poder, dos governadores, das elites” (RODRIGUES, 1988, p. 5). Entre os principais ideólogos do pensamento conservador, José Honório destaca: José Clemente Pereira, C.F.F. Von Martius, F. A. Varnhagen,<sup>9</sup> Afonso Celso de Assis Figueiredo, Eduardo Prado e João Camilo de Oliveira.

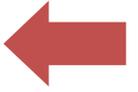
Em *A metafísica do latifúndio: o ultrarreacionário Oliveira Viana – tomo II*, do volume II – (1988a), JHR leva adiante sua análise da historiografia conservadora. Nesse volume, diferente dos demais, JHR analisa um único autor.<sup>10</sup> Oliveira Viana é apresentado por José Honório como “tímido, reservado, discreto, austero, grave, e não revelava nenhum sinal aparente pela enorme contradição de, sendo um mulato, defender o arianismo, favorecer o embranquecimento da população brasileira e desprezar negros, índios e mestiços” (RODRIGUES, 1988, p. 1). Sua abordagem historiográfica é considerada como “a verdadeira inspiradora dos movimentos autoritários de 1930 e contrarrevolucionários de 1964” (RODRIGUES, 1988, p. 1).<sup>11</sup>

<sup>9</sup> As interpretações de JHR sobre Varnhagen são discutidas no livro de Arno Wehling, *Estado, história e memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional* (1999).

<sup>10</sup> No livro *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*, escrito/organizado por Lêda Boechat Rodrigues e José Octávio de Arruda Mello, que é uma compilação de cartas do autor, Lêda Boechat escreve no Prefácio a respeito da historiografia conservadora: “Reverendo os dois volumes da História da história do Brasil, assaltaram-me muitas dúvidas. José Honório sofria há anos de arteriosclerose e a desigualdade que se nota entre o 2º volume talvez possa ser atribuída a tal doença. Alguns criticaram o pequeno número de páginas dadas a Varnhagen, por exemplo, em relação a outros autores. Mas ele já escrevera tanto e tantas vezes sobre este grande historiador, que ali se dispensou de repetições. O exagero de dedicar todo um volume a Oliveira Viana foi o mesmo que gastar vela demais com defunto ruim” (BOECHAT, 1994, p. 25).

<sup>11</sup> Maria Stella Martins Bresciani, em seu livro *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil* (2007), destaca a formação, as leituras, autores e referenciais, tanto nacionais como estrangeiros, constituintes da obra de Vianna, assim como suas contribuições históricas e historiográficas nas interpretações do Brasil na primeira metade do século XX. JHR e seus estudos sobre Viana não aparecem uma única vez ao longo do livro. Comparar a análise de Bresciani com a de JHR, que foi responsável por fazer uma “demolição do sistema ideológico de Oliveira Viana” (MOTA, 2010, p. 335), será bastante interessante para nossa pesquisa, pois nos possibilitará confrontarmos a interpretação honoriana revisionista sobre Viana com o *Charme da ciência...*, lançado quase vinte anos depois.





No inacabado *projeto tríptico*, que começou a ser produzido em 1949, temas desenvolvidos em outros textos são reexaminados. Encontramos nesse tríptico uma síntese de toda a obra honoriana. Para JHR, “toda a *pragmática* da pesquisa brasileira é apresentada nesses três volumes” (RODRIGUES, 1991, p. 266, destaque do autor). O projeto de JHR era concluir seu *tríptico* com a publicação de outros volumes sobre nossa história da história.<sup>12</sup>

### Uma história combatente no presente

Enquanto escrevia seu tríptico, JHR passou a se interessar pelos problemas do presente, numa perspectiva revisionista. O revisionismo honoriano tem como objetivo diagnosticar as mazelas sociais, as desigualdades historicamente constituídas e legitimadas por parte de nossa historiografia e pelos ideólogos do poder.

A necessidade de escrever uma *história combatente* é percebida pelo autor na época em que participou e ministrou cursos na Escola Superior de Guerra. Segundo JHR, “a escola nessa época era muito aberta, ouvia todas as tendências, e eu vivia até então num ambiente muito fechado, muito erudito” (MOTA, 2010, p. 339). Em 1964, com o golpe militar, foi afastado da ESG.<sup>13</sup>

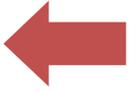
Os livros combatentes de sua fase de polemista<sup>14</sup> são *Aspirações nacionais: interpretação histórico-política* (1963), uma discussão sobre os elementos definidores do caráter nacional, com suas *aspirações permanentes e atuais*; *Conciliação e reforma*

---

<sup>12</sup> Diversos planos de desenvolvimento dos próximos volumes foram apresentados pelo autor. Um dos planos seria desdobrar a análise da historiografia conservadora e ultrarreacionária, no estudo da historiografia monarquista, da reacionária e da contrarrevolucionária, da tradicionalista, da saudosista e, finalmente, da integralista (RODRIGUES, 1988, p. XVII); em outro planejamento, estudaria no “terceiro volume, *A historiografia liberal*, seguido do quarto, *A historiografia católica, republicana e positivista*, e do quinto, *Do Realismo ao Socialismo*. Acrescentarei um sexto volume, que versará sobre *A historiografia estrangeira sobre o Brasil*, compreendendo os brasilianistas que existem desde o começo do século XIX” (RODRIGUES, 1988, p. XXXIII). Afirmou ainda que o sexto volume seria sobre a historiografia realista e a socialista (RODRIGUES, 1991, p. 273).

<sup>13</sup> No mesmo ano foi demitido do Arquivo Nacional, onde trabalhou “até poucos dias antes do golpe militar de 1964 (Na verdade, foi João Goulart quem me demitiu)”. JHR assumiu a direção do Arquivo Nacional em 1958, quando “Vitor Nunes Leal, Chefe da Casa Civil do presidente Juscelino Kubitschek, e íntimo amigo meu, convidou-me para dirigir o Arquivo Nacional” (RODRIGUES, 1991, p. 267).

<sup>14</sup> É nessa fase que é criado o *Grupo José Honório Rodrigues*, em João Pessoa, na UNFB. O *Grupo*, tendo como um de seus fundadores José Octávio de Arruda Mello, debatia a obra honoriana, mantinha contato frequente com JHR e este com a Universidade e com o estado da Paraíba. Analisar as atas de reuniões do *Grupo*, os trabalhos produzidos na UFPB, entrevistar professores, nos colocará em contato com leituras, interpretações e influências da obra de JHR na historiografia e na pesquisa histórica desenvolvidas na Universidade. Determinadas problemáticas de nossa tese, como o estudo do *Grupo*, pretendemos desenvolvê-las também em publicações acadêmicas, com o objetivo de ampliarmos a esfera de discussão de nossa pesquisa.



*no Brasil: interpretação histórico-política* (1965) destaca as políticas conciliatórias do estado brasileiro, que elabora reformas nos momentos de crise social e política, de autoritarismo, mantendo o povo afastado do poder decisório do Estado, punindo *exemplarmente* rebeldes ameaçadores do *status quo* e cooptando outros.

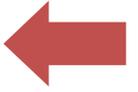
Outros livros combatentes de JHR são *Brasil e África: outro horizonte* (1964), *Interesse nacional e política externa* (1966), *História combatente* (1982), *História: corpo do tempo* (1984), *Vida e história* (1986), *Ensaio livres* (1991) e *História e historiografia* (2008). Estes livros são compostos de resenhas, conferências, ensaios, artigos publicados em jornais e revistas. O que garante a unidade desses livros é a preocupação em utilizar a história para compreender e agir no tempo presente, uma vez que as temáticas são bastante variadas e distintas. Apesar do grande número de problemáticas tratadas, a leitura desses livros é facilitada pelo posicionamento crítico evidenciado pelo autor na discussão de suas problemáticas, permitindo-nos observar um sentido mais preciso e coerente em suas abordagens e narrativa.

Defensor do liberalismo, entendido como garantia das liberdades e direitos individuais fundamentais do cidadão, critica o modelo liberal desenvolvido em terras brasileiras, adjetivado por JHR como *liberalismo indígena, caboclo, conservador*, que

(...) significou sempre liberalismo econômico, e, portanto, economia exportadora e anti-industrial, e defesa, em termos, das liberdades públicas. As pessoas qualificadas merecem liberdade, outras não, as rebeldias e inconformidades também são discriminadas. O liberalismo nasceu numa sociedade escravocrata e não podia ser, como não é, intransigente defensor das heterodoxias e dos inconformismos. Foi assim no Império e é assim hoje (RODRIGUES, 1986, p. 74).

O liberalismo radical, defendido por JHR, tem como um de seus principais referenciais nacionais Frei Caneca, que foi o maior teórico dos ideais liberais no século XIX, “seus princípios são claros, lucidamente expostos e constituem as bases do pensamento liberal radical de sua época” (RODRIGUES, 1984, p. 125).

Outra parte do trabalho de JHR é voltada para a publicação de documentos. Dos tempos em que esteve na direção da Seção de Publicações do Instituto Nacional do Livro, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional dedicou-se à compilação de documentos, edição de textos e obras de referência, principalmente da história



parlamentar brasileira, como *O Parlamento e a evolução nacional* (1972), *Atas do Conselho de Estado* (1973), *O Conselho de Estado: o quinto poder?* (1978), *O Parlamento e a consolidação do Império* (1982). Foi também o responsável pela organização das publicações da *Correspondência de Capistrano de Abreu* (1954-1956).

Há ainda livros de JHR que tratam de temas específicos e ensaios historiográficos, como o livro *Civilização holandesa no Brasil e O continente do Rio Grande*, de 1952.<sup>15</sup> Outro livro de história de tema é *Independência: revolução e contrarrevolução*, em cinco volumes: *A evolução política*, *Economia e sociedade*, *A liderança nacional*, *As Forças Armadas* e *A política internacional*, publicados em 1975 e 1976.

Destaca-se também na obra honoriana os estudos biográficos. Para o autor, era necessário fazer um revisionismo biográfico, rompendo com aquela produção biográfica “feita mais para louvar e engrandecer os nossos heróis políticos, que para examiná-los” (RODRIGUES, 1986, p. 30). No revisionismo biográfico combatente, as biografias têm valor histórico na medida em que lançam luzes sobre a história, o povo e a sociedade. Estudos biográficos estão presentes em praticamente todos os seus livros.

### Seus leitores e leituras

A obra honoriana é de grande abrangência e riqueza historiográfica. Tal amplitude foi analisada na tese de Raquel Glezer, *O saber e o fazer na obra de José Honório Rodrigues*, em dois volumes. Defendida em 1976, tinha JHR como membro da banca examinadora.

Até o início da década de 2000, a tese de Glezer era o único trabalho sistemático e abrangente da obra honoriana. Neste primeiro quartel do século XXI, muitos outros trabalhos têm sido produzidos sobre JHR, no entanto, a pesquisa de Glezer continua sendo um referencial necessário e indispensável para esses novos estudos.

No primeiro volume da tese de Glezer é realizada uma pormenorizada análise bibliométrica, definindo e demarcando as ideias de José Honório ao longo de suas publicações, sejam em livros, artigos, conferências, prefácios. A autora contabiliza a

---

<sup>15</sup> No prefácio comenta que “O Continente do Rio Grande foi muito bem acolhido pelo presidente Getúlio Vargas, segundo me contou seu oficial de gabinete Sá Freire Alvim, que me disse que o presidente lhe perguntara várias vezes quem eu era, se era gaúcho e onde trabalhava. Oswaldo Aranha fez-lhe os maiores elogios, segundo depoimento de Assis Chateaubriand, que estando comigo foi visitar Aranha e voltou dizendo-me: ‘Você está com muito prestígio com Oswaldo Aranha’(...) ‘Fez os maiores louvores ao seu livro e o conserva na mesa de trabalho’” (RODRIGUES, 1986, p. 8).

produção honoriana até 1975, totalizando mais de mil documentos (GLEZER, 1976, p. 19). Muitos dos documentos catalogados por Glezer, do arquivo pessoal de JHR, agora disponíveis, ainda não foram publicados nem estudados.

O segundo volume contém uma classificação e divisão das fases da obra honoriana, incluindo acervos documentais e relação bibliográfica de autores presentes, com maior ou menor recorrência, ao longo da produção de JHR.

Um aspecto muito importante da tese é a análise da obra de JHR relacionada às instituições às quais o autor pertencia, examinando como os lugares institucionais por ele ocupados eram fundamentais na escolha de seus temas de pesquisa, na reunião de documentos e em suas formas de problematização e abordagem.

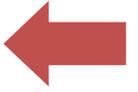
Nos últimos anos, uma série de novas análises, como resenhas, comunicações, ensaios, artigos, dissertações e teses, tem se dedicado ao estudo da obra honoriana. Um número bem maior que toda a produção que JHR chegou a conhecer sobre sua obra.

Ana Luiza Marques Bastos, por exemplo, defendeu em 2000, na PUC-Rio, a dissertação *José Honório Rodrigues: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da história do Brasil*. A autora estuda o *hibridismo teórico-prático* feito de *positivismo e presentismo*, como parte de seu *projeto revisionista*, que seria útil para o bom exercício do ofício de historiador e para a mudança do presente.

Por concentrar-se apenas no *tríptico*, o texto carece de um diálogo com outros livros de JHR que foram escritos durante a elaboração de seu *projeto*. Nos *textos combatentes* de JHR, os documentos não são tratados como uma prova positivista do que *realmente aconteceu*, como sugere a autora; importando mais as questões que o historiador elabora para problematizar e encontrar aquilo que lhe é interessante nos documentos. Mas considerando as dimensões de uma dissertação, Bastos desenvolve um trabalho digno de atenção dos estudiosos da obra honoriana.

O *tríptico honoriano* é estudado com maior riqueza analítica na tese de André de Lemos Freixo, *A arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues*, defendida em 2012, na UFRJ. Freixo centra-se no desenvolvimento de uma cientificidade histórica na obra honoriana.

A principal contribuição do trabalho de Freixo é a inserção da produção honoriana, sobre teoria e metodologia históricas, no contexto histórico e nas inovações historiográficas emergidas na geração de 1930. Ao relacionar o desenvolvimento do *tríptico honoriano* com as ideias, produções e autores de sua geração, visualizamos melhor como o campo historiográfico e intelectual brasileiro se estruturava naquele



momento, estabelecendo novos paradigmas, métodos, autores e livros referenciais para a pesquisa histórica no Brasil, e como JHR vivia e interpretava as questões de sua geração.

Outra tese, *José Honório Rodrigues: intérprete do Brasil*, de Paulo Alves Júnior, defendida em 2010, na UNESP/Araraquara, realiza uma leitura sociológica da obra honoriana, destacadamente, das aspirações nacionais que expressam seu nacionalismo-liberal, inserido no cenário desenvolvimentista do Brasil dos anos de 1950; suas discussões e publicações no ISEB e na ESG; a proposta de criação do Instituto Nacional de Pesquisa Histórica;<sup>16</sup> os diálogos com autores, tanto os de sua geração quanto os do passado; suas análises sobre a política externa brasileira após o golpe militar de 1964; sua compreensão dos conceitos de Povo, Estado e Nação, marcada pela escrita de uma história com propósitos sociais, ideológicos e políticos para o presente.

Logo nas primeiras páginas, Alves Jr. escreve: “O núcleo deste trabalho visa ‘dar luz’ a um desses intérpretes renegado à condição de ‘segunda mão’” (ALVES JR., 2010, p. 11). Esta afirmação é bastante curiosa. José Honório não é comumente mencionado entre os inovadores do *segundo tempo modernista*, “geração de autores bastante ativos e amplamente reconhecidos como grandes responsáveis pela efetiva renovação, ou transformação, dos estudos históricos no Brasil” (FREIXO, 2012, p. 17). No entanto, seus livros tiveram inúmeras edições, o que denota sucesso editorial e público leitor.

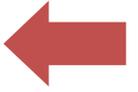
Além dos trabalhos acima comentados, há também artigos e resenhas sobre o pensamento honoriano. Dessas análises, merecem destaque a resenha escrita por Eduardo d’Oliveira França e o artigo de Sérgio Buarque de Holanda.

Sérgio Buarque de Holanda, no artigo *Apologia da História*, comentando a publicação do livro de Marc Bloch, disserta sobre a importância de se escrever uma história comprometida com o tempo presente, dedicada a problematizar as questões atuais da historiografia. No Brasil, a publicação de *Teoria da História do Brasil* é avaliada como fundamental e pioneira na apresentação sistemática das teorias e metodologias da história:

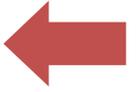
Sejam quais forem as divergências que possam suscitar essa obra – divergências relativas, sobretudo, ao método de exposição, que nem sempre deixa transparecer com clareza os

---

<sup>16</sup> O esforço honoriano em criar uma linhagem de autores consagrados de nossa historiografia e da qual seria “herdeiro” é ressaltado por André de Lemos Freixo, no artigo *José Honório Rodrigues: os clássicos e uma possível identidade historiográfica brasileira (décadas de 1940-1980)* (2008).



pontos de vista do autor –, parece certo que sua simples presença constitui passo importante o estudos desses problemas. Até recentemente ainda dependíamos em grande parte, por esse aspecto, do velho manual de Langlois e Seignobos (...) (HOLANDA, 1950, apud COSTA, 2011, p. 21).

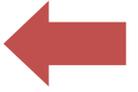


Renovando as discussões historiográficas no Brasil, Sérgio Buarque destaca também que “muito militará a iniciativa do grupo de professores paulistas que vem publicando uma nova *Revista de História*” (HOLANDA, 1950, apud COSTA, 2011, p. 21).

Na *Revista de História* da USP, em 1951, foi publicada a resenha de Eduardo d’Oliveira França, intitulada *A teoria geral da História*. Para França, o livro de JHR traz ao público brasileiro o que existe de melhor na bibliografia estrangeira sobre teoria da história, com exemplos brasileiros.

França, em quase trinta páginas, esmiúça criticamente *Teoria da História do Brasil*, destacando, principalmente, os pontos fracos do livro. O título já é questionável, pois “a rigor não há teoria da história do Brasil” (FRANÇA, 1951, p. 113). Quanto à estrutura do livro, “nesse particular quase decepcionante (...) Eis um planejamento do século XIX (...) Plano Langlois-Seignobos com clarões de filosofia” (FRANÇA, 1951, p. 114-115). França ataca a *ausência de inquietação, rebeldia e perplexidades, onde escolas e opiniões se atropelam*, o cientificismo positivista e reducionista, a hegemonia do documento sobre a interpretação, numa narrativa em que *há disciplina, mas a coerência às vezes vacila*, além da omissão de importantes sistemas de pensamento de seu tempo, como o marxismo, o bergsonismo e o existencialismo. O autor conclui a resenha nos seguintes termos:

Afinal. Um belo livro que reflete intenso e honesto labor e faz repensar problemas. Nem bem conciso, mas bem cuidado sempre. Mais expositivo que construtivo. Frente aos problemas, constantemente José Honório Rodrigues prefere historiá-los em vez de resolvê-los. Discrição ou insegurança? Tornar-se-á clássico em português. Para que pretenda embrenhar-se pelos sertões da história armado de um roteiro (FRANÇA, 1951, p. 141).



O artigo de Sérgio Buarque e a resenha de Eduardo d'Oliveira França são interessantes não só pela análise do livro, mas também por fornecerem indícios sobre as lutas existentes no campo acadêmico e historiográfico brasileiro, principalmente entre Rio de Janeiro e São Paulo, com o objetivo de estabelecer os referenciais teórico-metodológicos hegemônicos, úteis e fundamentais para a pesquisa histórica e a formação do historiador nas universidades.

Rebeca Gontijo, no artigo *Tal história, qual memória? Capistrano de Abreu na história da historiografia brasileira* (GONTIJO, 2010), ressalta a importância de José Honório na consolidação de determinados nomes de nossa história da história, como Capistrano de Abreu, que é, segundo Gontijo, “uma referência obrigatória para os historiadores da segunda metade do século XX e início do século XXI” (GONTIJO, 2010, p. 493). E seu pioneirismo

(...) serviu como referência obrigatória para o conhecimento da disciplina, em parte caracterizada pela periodização, com o objetivo de estabelecer as fases do pensamento e apontar as condições de produção e evolução da pesquisa (GONTIJO, 2010, p. 501).

Gontijo insere a obra honoriana no contexto da discussão historiográfica dos anos de 1970, dialogando com outros historiadores que se dedicavam ao estudo da história e da obra de Capistrano de Abreu, tais como, Alice Canabrava, Francisco Iglésias, Nelson Werneck Sodré, Pedro Moacyr Campos, Carlos Guilherme Mota, Pedro de Alcântara Machado, entre outros.

Ítala Bianca Morais da Silva, em *Anotar e prefaciar a obra do “mestre”: reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu* (2009), observa que a expressão *anotação*, utilizada por José Honório, “é um trabalho que revela modéstia, humanidade, renúncia, mostrando-se o autor capaz de sacrificar seu tempo, seu esforço e faculdade pelo aperfeiçoamento de obra já realizada por outro” (SILVA, 2009, p. 84); todavia, o autor visa com suas anotações ocupar uma posição de reconhecimento e distinção no campo intelectual, colocando-se como o *porta-voz legítimo do pensamento revolucionário* de Capistrano de Abreu.

Outro aspecto forte do artigo de Silva é relacionar o trabalho honoriano com a crítica literária, notadamente com os trabalhos de Antonio Cândido. Ambos



(...) possuíam em comum a necessidade de estabelecer um conjunto de obras de referência para suas respectivas disciplinas, bem como, reafirmar as perspectivas nacionalistas, ou seja, seria na narrativa sobre o nacional que se fundaria um discurso tipicamente brasileiro (SILVA, 2009, p. 90).

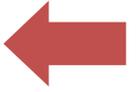
É interessante notarmos que se o esforço de JHR era o de tornar-se uma referência necessária e obrigatória sobre Capistrano de Abreu, compilando as correspondências e anotando a obra do *mestre*, seu esforço produziu frutos. Os artigos de Gontijo e Silva, ambos sobre Capistrano, são analisados tendo como referência o prefácio e anotações da *Correspondência de Capistrano de Abreu*, organizada e publicada em três volumes por JHR, entre 1954 e 1956.

Carlos Guilherme Mota, em um texto publicado em 1988, um ano após a morte de José Honório, elabora um rico panorama das veredas do pensamento de JHR, “reputado como um dos maiores eruditos dos grandes historiadores brasileiros” (MOTA, 2010, p. 186). Mota nos apresenta José Honório como teórico, historiador da história, polemista, pesquisador, editor de documentos, sublinhando que “talvez não exista na historiografia brasileira alguém que tenha desempenhado com tanto conhecimento e ardor o ‘*métier d’historien*’ em todas essas facetas” (MOTA, 2010, p. 187). Não deixa de destacar também seu compromisso militante com o presente e o povo brasileiro: “Honório alinhava-se ao lado dos vencidos, denunciando os mitos da história ‘cordial’ do Brasil numa época em que era difícil fazê-lo (hoje é moda), analisando a vitória permanente da contrarrevolução” (MOTA, 2010, p. 188).

Mota é responsável também pela organização de algumas publicações póstumas de JHR, como a coletânea de textos, entrevistas, artigos que estão no livro *Ensaios livres* (1991), realizado em parceria com a esposa e permanente colaboradora do autor, Lêda Boechat Rodrigues.

Lêda é responsável pelas seleções, anotações, prefácios e publicações de livros de documentos pertencentes ao arquivo pessoal de JHR. O livro *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*, com sugestivo prefácio de Lêda Boechat, traz a público centenas de correspondências de JHR. Na segunda parte do livro, *Revisão e combate no Grupo José Honório Rodrigues*, Otávio Arruda de Mello apresenta e analisa outras séries de documentos. Lêda selecionou e organizou também os livros

*Correspondência de José Honório Rodrigues* (2000) e *Nova correspondência de José Honório Rodrigues*, ambos publicados pela ABL.



Os documentos publicados por Lêda são uma pequena parte do arquivo pessoal de JHR, que ela doou para a criação do *Arquivo José Honório Rodrigues*. Parte da documentação do arquivo está no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), do Instituto de Pesquisas Avançadas da USP; outra parte está sob a guarda do Espaço de Documentação e Memória Cultural Delfos, da PUC-RS.<sup>17</sup> Há, atualmente, uma polêmica em torno do direito de posse do arquivo JHR. São cartas, resenhas, artigos de jornais e revistas, convites, legislações, dossiês, rascunhos, fotos, microfilmes divididos entre essas duas instituições. Para classificação da documentação do arquivo, a catalogação feita por Glezer em sua tese tem sido uma referência indispensável. O acesso e consulta aos documentos do Arquivo Jose Honório Rodrigues será fundamental para compreendermos algumas questões que ainda não estão suficientemente claras.

JHR viveu e escreveu em tempos de grandes mudanças do século XX. Carioca, era orgulhoso de pertencer a uma família de fundadores da cidade. Reiteradas vezes menciona o Arco dos Teles, construído em homenagem a seus ancestrais. Seu primeiro livro foi lançado e premiado pela ABL em 1937, ano em que Getúlio Vargas decretou a ditadura do Estado Novo. Foi para os EUA frequentar o curso de história em Columbia logo após a entrada do país na Segunda Guerra Mundial. Em 1964, viveu o golpe militar e foi por ele afetado, mas voltou a ocupar cargos públicos logo em seguida, apesar de ser um crítico severo do *generalismo presidencial*, que era “uma ideologia contrarrevolucionária, de defesa do *status quo*, do neocapitalismo brasileiro, antinacionalista (...) Suas raízes são antirradicais, imperiais, absolutistas e colonialistas” (RODRIGUES, 1986, p. 161). Morreu poucos anos antes do fim da União Soviética. Essas relações entre vida e obra de JHR e os contextos de seu tempo não estão ainda bem evidenciadas e articuladas nas análises que temos à disposição.

O contexto atual também não foi devidamente avaliado. Devemos nos perguntar sobre as relações entre os campos sociais, econômicos, políticos, acadêmicos e historiográficos que levam ao aumento de interesse na obra honoriana. Devido às dificuldades inerentes em mapear e analisar as configurações do tempo presente, um caminho possível seria estudar a história da história atual a partir de categorias

---

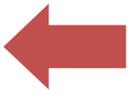
<sup>17</sup> Luciano Aronne de Abreu, no artigo *História da nossa história: o acervo de José Honório Rodrigues* (2011, p. 319-332), apresenta a polêmica, os tipos e quantidades de documentos recebidos pelo Delfos, a catalogação que tem sido realizada e algumas análises sobre essa documentação.

desenvolvidas por JHR para definir as abordagens e ideologia historiográficas, como a conservadora e a ultrarreacionária, a radical e a combatente. O autor observou que em nossa história da história essas categorias funcionam como linhas mestras que perpassam toda a produção historiográfica, a política e a vida brasileira.

A relação de JHR com a universidade também merece maior atenção. Lecionou em várias instituições, mas nunca por muito tempo; não fez carreira no magistério. No posfácio de *Teoria da História do Brasil*, escreveu sobre *Meu sonho de ser professor*, apontando as razões institucionais, acadêmicas e políticas que o impediram de ser professor. Recusou vários convites, como o de lecionar no EUA, preferindo ficar no Rio de Janeiro, afirmando mais tarde que “não podia prever e não levei em conta foi que o Brasil começara em 1964 uma ditadura militar que durou quase vinte anos. Se eu cogitasse dessa possibilidade jamais teria hesitado em aceitar ser professor titular nos EUA” (RODRIGUES, 1991, p. 268). Qual era a situação vivida por ele na ESG que fez com que o golpe militar lhe parecesse uma surpresa?

Recusou também o convite feito por Eduardo d’Oliveira França para lecionar na USP. “Com Sérgio Buarque de Holanda agora na USP eu estava muito interessado, mas Oliveira França fez sua oferta de uma maneira curiosa que jamais esquecerei e de um modo que era típico da cultura brasileira naquele momento” (RODRIGUES, 1991, p. 267). Segundo JHR, ao fazer o convite, França afirmou: “Queríamos um professor francês. Mas, como não conseguimos um, convidaremos o melhor brasileiro, e este é você”.

Na década de 1970, JHR lecionou na pós-graduação do curso de História da Unicamp, “em seus primeiros vagidos” (MOTA, 2010, p. 333), mas ficou na universidade por pouco tempo, pois não queria deixar o “Rio querido, onde Lêda também trabalhava, onde estavam seus livros e fichários e onde o seu clube Flamengo jogava”. Além das razões afetivas apontadas por Mota, o convite, a presença e a saída de JHR da Unicamp relacionam-se ao processo de estruturação do curso de pós-graduação, a uma abordagem histórica combatente e revisionista a ser desenvolvida no departamento de História. Analisar a presença de JHR e a Unicamp – por meio da análise de correspondências, de entrevistas com professores do IFCH, de dissertações e teses do período – será interessante para compreendermos melhor a relação do autor



com o ensino, com a pesquisa desenvolvida na universidade e o seu projeto de fundar um Instituto de Pesquisa Histórica.<sup>18</sup>

Pode-se afirmar que JHR era, ou pretendia ser, um ideólogo do Estado, do poder? Pois encontramos sempre em seus textos declarações de proximidade e intimidades com os três poderes da República. Seriam formas de legitimação e distinção encontradas pelo autor?

### Considerações finais

Como nota, a obra honoriana é muito vasta e o questionário sobre ela tem aumentado consideravelmente, porém, há ainda um silêncio eloquente em torno de grande parte dela, que ainda permanece inédita. Não fora feito ainda nenhum questionamento sobre o aumento do interesse e de trabalhos sobre JHR nos dias atuais.

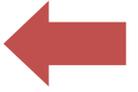
A historiografia, herdeira do modernismo, estabeleceu Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre como os autores *revisionistas* que representam as mudanças da *geração de 1930* (cf. CÂNDIDO, 1995). Com relação a esses autores, JHR ocupa uma posição marginal no campo historiográfico de sua geração, todavia, nas teses, enfatiza-se a contribuição ímpar e ainda pouco conhecida de JHR para a história da história. Esse empenho em destacar a importância da obra honoriana para a história da história significaria uma reestruturação do campo historiográfico brasileiro? O estabelecimento de novos referenciais *fundadores*? Quais são os desafios, as mudanças, as questões desta geração acadêmica que aumentam exponencialmente o número de leitores de JHR? São questões e hipóteses que só poderão ser escrutinadas com clareza e distinção no desenvolvimento de nossa pesquisa.

Essas são nossas primeiras considerações, que longe de serem finais, significam uma abertura de nossas discussões sobre JHR. As abordagens e conceitos honorianos são fundamentais para compreendermos não só questões relativas ao campo historiográfico, mas a realidade presente. O que significa ser combatente nos dias de hoje? O que é a radicalização política que vemos à luz da interpretação honoriana?

---

<sup>18</sup> André Lemos Freixo aponta os choques entre o projeto de criação do Instituto de Pesquisa Histórica e os modos como as pesquisas acadêmicas eram produzidas nas universidades brasileiras, sendo esta uma das razões de JHR nunca ter se tornado professor universitário, permanecendo “como uma espécie de *outsider*”, apesar de relativamente conhecido e estabelecido, em nome e prestígio, para toda uma geração de pesquisadores do novo campo historiográfico brasileiro” (FREIXO, 2012, p. 383).

Quais são os compromissos da história e do historiador com o tempo presente? O que é o povo e o Estado brasileiro? Esperamos responder essas questões em outros textos.



## Referências bibliográficas

### Livros de José Honório Rodrigues citados no artigo

\_\_\_\_\_. (org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956, 3 v.

RODRIGUES, José Honório. *Aspirações nacionais: interpretação histórico-política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

\_\_\_\_\_. *Brasil e África: outro horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

\_\_\_\_\_. *Conciliação e reforma no Brasil: interpretação histórico-política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

\_\_\_\_\_. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. *Revista de História*, São Paulo, v. XL, n. 81, p. 3-22, jan.-mar., 1970.

\_\_\_\_\_. *O Parlamento e a evolução nacional*. Brasília: Senado Federal, 1972.

\_\_\_\_\_. *Atas do Conselho de Estado*. Brasília: Senado Federal, 1973, v. 1, 2 e 9.

\_\_\_\_\_. *Independência – Revolução e contrarrevolução: a evolução política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

\_\_\_\_\_. *Independência – Revolução e contrarrevolução: economia e sociedade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

\_\_\_\_\_. *Independência – Revolução e contrarrevolução: a liderança nacional*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

\_\_\_\_\_. *Independência – Revolução e contrarrevolução: as forças armadas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

\_\_\_\_\_. *Atas do Conselho de Estado*. Brasília: Senado Federal, 1978. 13 v.

\_\_\_\_\_. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 5. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. *A pesquisa história no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978.

\_\_\_\_\_. *História da história do Brasil: historiografia colonial*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. *Filosofia e História*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

\_\_\_\_\_. *História combatente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Parlamento e a consolidação do império (1840-1861): contribuição à história do Congresso Nacional do Brasil, no período da monarquia*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1982.

\_\_\_\_\_. *História, corpo do tempo*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

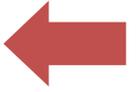
\_\_\_\_\_. *Vida e História*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

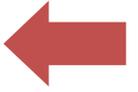
\_\_\_\_\_. *História da História do Brasil: a historiografia conservadora*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da História do Brasil: a metafísica do latifúndio – O ultrarreacionário* Oliveira Viana. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1988a.

\_\_\_\_\_. *Ensaio livres*. São Paulo: Imaginário, 1991.

\_\_\_\_\_. *História e historiografia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.





## Outras referências bibliográficas

ACESSO LIVRE: Revista da Associação dos Servidores do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, n. 1, jan. 2014. Disponível em:

<[http://issuu.com/acessolivre/docs/revista\\_acesso\\_livre\\_n.\\_1\\_-\\_janeiro](http://issuu.com/acessolivre/docs/revista_acesso_livre_n._1_-_janeiro)>. Acesso em: 28 jan. 2014.

ALVES JR., Paulo. *Um intelectual na trincheira*: José Honório Rodrigues, intérprete do Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

ARAÚJO, Amanda Araújo de; ABREU, Luciano Aronne de. História da nossa história: o acervo de José Honório Rodrigues. *XI Salão de Iniciação Científica*, PUC-RS, ago. 2010. Disponível em:

<[http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias\\_Humanas/Historia/82746-AMANDAARAUJODEARAUJO.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaoIC/Ciencias_Humanas/Historia/82746-AMANDAARAUJODEARAUJO.pdf)>. Acesso em: 4 jun. 2014.

BASTOS, Ana Luiza Marques. *José Honório Rodrigues*: uma sistemática teórico-metodológica a serviço da História do Brasil. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000.

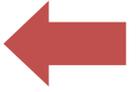
BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2007.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

COSTA, Marcos. *Sérgio Buarque de Holanda*: escritos coligidos volume II. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Unesp, 2011.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 3. ed. São Paulo: Passagens, 2000.



FRANÇA, Eduardo d'Oliveira. Teoria geral do Brasil – considerações a propósito de um livro recente. *Revista de História*, São Paulo, v. II, n. 7, 1951.

FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FREIXO, André de Lemos. José Honório Rodrigues: os clássicos e uma possível identidade historiográfica brasileira (décadas de 1949-1980). *XIII Encontro de História ANPUH-Rio: Identidades*, 2008, Seropédica. Anais complementares, 2008.

\_\_\_\_\_. *A arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

GLEZER, Raquel. *O fazer e o saber na obra de José Honório Rodrigues: um modelo de análise historiográfica*. 2 v. (Tese de Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1977.

GODOY, João Miguel Teixeira de. Alguns desafios dos estudos de historiografia. *Projeto História*, PUC-SP, v. 41, p. 195-214, 2010.

GOMES, Angela Maria de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

GONTIJO, Rebeca. Tal história, qual memória? Capistrano de Abreu na história da historiografia brasileira. *Projeto História*, PUC-SP, v. 41, p. 491-526, 2010.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Ágora: revista de história e geografia*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 31-47, 2005.

IGLÉSIAS, Francisco. José Honório Rodrigues e a historiografia brasileira. *Revista Estudos Históricas*, v. 1, n. 1, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. *História e contra-história: perfis e contrapontos*. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

\_\_\_\_\_. *Educação, contraideologia e cultura: desafios e perspectivas*. São Paulo: Globo, 2011.

RODRIGUES, Lêda Boechat; MELLO, José Octávio de Arruda. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

\_\_\_\_\_. *Correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Nova correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004.

SILVA, Ítala Byanca Morais da. Anotar e prefaciar a obra do “mestre”: reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. *História da Historiografia*, v. 3, p. 83-105, 2009.

SOBRINHO, Barbosa Lima. Saudação de Barbosa Lima Sobrinho ao historiador José Honório Rodrigues. *Revista de História*, São Paulo, v. XL, n. 81, p. 3-22, jan.-mar., 1970.

WEHLING, Arno. *Estado, história, memória: Varnhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

